

CEDI - P. I. B.
DATA 20/10/86
COD PCDDY

A experiência dos parecis com os civilizados data de séculos. Foram uma das primeiras fontes de escravos dos bandeirantes e povoadores do norte do Mato Grosso. A beleza de suas mulheres custou-lhes muitos sofrimentos causados pelos garimpeiros e seringueiros. No começo deste século tinham sido feitos escravos em seringais. Foram libertados por Rondon, que os pôs sob sua proteção. Por isso, a tribo viveu alguns anos em paz, o tempo suficiente para restabelecer seus costumes, recuperar um certo equilíbrio populacional. Hoje, os parecis estão novamente em desgraça. Foram transferidos para uma reserva de terra ruim na margem da rodovia Cuiabá-Porto Velho, como os nambiquaras, a uma distância de 400 quilômetros de Cuiabá. A reserva confina, de um lado, com a rodovia. De outro, com as fazendas que ocuparam as boas terras dos parecis, demarcadas por Rondon. Recentemente, um posto de gasolina instalou-se a cem metros da divisa da reserva. Os parecis, que atualmente são em número de 500, - aproximadamente, transformaram-se em objeto de curiosidade dos viajantes, que invadem a aldeia sem qualquer cerimônia, pois a FUNAI está completamente ausente. Os índios vendem aos civilizados produtos de seu artesanato decadente em troca de cachaça ou de qualquer bugiganga. Outro motivo das visitas são suas mulheres, prostituídas. Mas isso não é tudo. Os fazendeiros exploram desumanamente o trabalho dos parecis. Na Fazenda Cachoeirinha, de propriedade de paulistas de Cruzinhos, os índios ganham Cr\$ 250,00 para desmatar um alqueire mata grossense (48 mil m2). E são obrigados a fazer compras no "armazém" da fazenda. Algumas exemplos dos preços cobrados aos índios, comparados com preços de S. Paulo, tomando por base o mês de fevereiro de 1974:

1 kg. de sal	- Cr\$ 15,00	(Preço em S. Paulo Cr\$ 0,50)
1 kg. de açúcar	- Cr\$ 16,00	(" " " " " 1,20)
1 lata de óleo de cozinha	- Cr\$ 40,00	(" " " " " 3,90)

O padre Adalberto Holanda, que procura ajudar os parecis, disse a um jornal em 3 de fevereiro de 1974: vivendo com essa tribo tive que reformular muitos de meus conceitos. Hoje não acredito que possa haver uma integração efetiva do índio à sociedade branca, principalmente nos termos em que se pretende propor essa absorção. O pareci deixa de ser índio e, para donalmente, não se integra. Passa a ser um marginal, rejeitado por essa mesma sociedade que o vê como uma espécie de objeto curioso, um animal em transição de cultura que evoluiu para uma forma estática, estagnada. É uma espécie de pária, transformado em pedinte e mau artesão".